

Com a comunidade

Na Esefid, Mário Alves faz caminhada com a orientação do estudante de Fisioterapia Alisson Fraga em atividade de extensão para pacientes de AVC e esclerose múltipla

Integração Toda a semana o Câmpus Olímpico recebe a comunidade externa para atividades de extensão. No total, são 78 projetos, vários deles oferecidos há muito tempo, como, por exemplo, a Ginástica Para Todos, em funcionamento há quinze anos e atendendo em média 90

crianças por edição. Segundo João Victor Rodrigues, um dos instrutores, num país em que as oportunidades estão voltadas para o futebol, oferecer um esporte diferente é essencial. Outra ação desenvolvida é o Celari, destinado a pessoas acima de 60 anos para atividades físicas e sociais.

Promovido há duas décadas, hoje o Celari reúne 250 participantes e tem uma lista de espera de 700 pessoas. Os relatos coletados para essa reportagem sinalizam o quanto a Universidade é constituída por projetos que se integram à vida da comunidade. **P6 e 7**



ENTREVISTA

Direito à existência digna

Há mais de 20 anos, Santiago Franco, cacique guarani da aldeia Yvy Poty, na região de Barra do Ribeiro, a 60km de Porto Alegre, é uma das lideranças de seu povo em lutas pela demarcação de terras. Em entrevista especial ao JU, ele conta sobre sua experiência de reivindicações em Brasília e da forma como sua etnia busca defender garantir os direitos indígenas. **P10**

MOBILIZAÇÃO

Nova unidade social no horizonte

Tradicionalmente, a academia desempenha papel relevante em momentos centrais da história do país. Em artigo, Alfredo Gugliano avalia que o ataque do governo contra conquistas históricas da universidade gerou o despertar da comunidade acadêmica para a gravidade do momento político do país. Ele argumenta que algo novo paira no ar: com as marchas em defesa da educação de maio, agosto e setembro vem se forjando uma unidade de diferentes setores sociais. **P5**

CULTURA

Arte que nasce na universidade

A UFRGS tem uma forte presença na formação de agentes do campo artístico, profissionais que levam o conhecimento da academia para diferentes espaços culturais. Conheça histórias de profissionais que têm sua trajetória atravessada pela Universidade e que estão presentes nas ofertas de produções culturais para a sociedade: os relatos apontam como a formação em nível superior impactou em suas carreiras e quais suas perspectivas. **P8 e 9**

INTERCÂMBIO

Inserção mundial da UFRGS



P3



Espaço da
Reitoria

Jane Tutikian
Vice-reitora e Pró-reitora de Coordenação Acadêmica

Celebração do conhecimento

A primavera está aí e, com ela, o Salão UFRGS 2019, com suas cores a invadir o Câmpus do Vale como uma ode à diversidade. Jovens pesquisadores, orgulhosos e ansiosos, apresentam o resultado de seus trabalhos. Jovens futuros professores, orgulhosos e vibrantes, explodem em ideias inovadoras para o ensino. Jovens extensionistas, orgulhosos e descontraídos, expõem o quanto se faz junto com a sociedade e pela sociedade. É a grande festa do conhecimento! É a importante celebração em todas as áreas, das Humanidades à Tecnologia e Inovação, dizendo a quem quiser ouvir o quanto é importante o que se faz numa Universidade Pública, Gratuita, Socialmente Referenciada. Assim, com letras maiúsculas mesmo, porque maiúscula é a UFRGS e são todas as Universidades Públicas brasileiras. No Salão, os laboratórios ganham os espaços

do Câmpus, esbanjando hipóteses, teorias e teses! A arte, em todas as suas manifestações, ocupa o chão, o ar, a alma. Crianças das escolas de ensino fundamental e médio trazem a alegria do estar na UFRGS. O Salão de Extensão, comemorando seus 20 anos, acolhe os saberes todos, a voz dos excluídos. No Salão UFRGS, somos todos iguais. Somos todos UFRGS.

Talvez o paradoxo seja a primavera. Não no que dela faz a natureza, mas no que dela fazem os governos. E nesta primavera, através deste Salão, queremos que nos achem, que nos olhem, que nos descubram como somos! É o salão que vem para dizer, com todas as letras, Universidade: presente!

Nunca antes vivemos restrições orçamentárias e congelamentos de recursos como agora. Nunca antes, como neste momento, fomos confrontados com projetos mercadológicos, que pretendem

transformar a universidade pública, autônoma e gratuita em público-privada. Nunca antes, como agora, quiseram se apropriar do nosso futuro. Nunca antes fomos atacados como se inimigos da sociedade fôssemos. Esquece-se de que sem universidade pública não há desenvolvimento para o país; sem universidade pública e desenvolvimento não há justiça social para o povo. É por que existimos. É no que acreditamos. É pelo que lutamos.

Pois o Salão UFRGS 2019, ao escolher como tema Universidade: Presente!, vem dizer que continuaremos lutando, e nossa melhor luta é mostrar a qualidade do que aqui fazemos; nossa melhor luta é construir e oferecer horizontes altamente qualificados. É oferecer à sociedade uma condição melhor em todas as estações, inclusive numa primavera como esta.




Universidade: presente!

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

arte: Rosane Vieira

Carta aos leitores

Neste ano, o Salão UFRGS nos provoca olhar para a Universidade e sua presença na sociedade. Sendo este um evento de relevância para o calendário acadêmico e um momento de reflexão sobre si para a instituição, é propício e oportuno um balanço do impacto das atividades aqui desenvolvidas. Mas como, afinal, se pode mensurar ou dimensionar isso? Ao pensar sobre o tema, entendemos que era preciso nos contrapor aos ataques às instituições federais de ensino superior de um modo bastante contundente. A opção, então, foi por uma linha cuja angulação representasse uma virada na perspectiva: uma universidade deve ser pensada também a partir das pessoas que a formam e que com ela convivem.

Nesse sentido, é marcante a relação da comunidade porto-alegrense com a Esefid, a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. O Câmpus Olímpico, onde está situada a unidade, é um espaço para que as pessoas pratiquem atividades físicas de forma espontânea. No local, também são oferecidas atividades orientadas tanto de cunho desportivo quanto terapêutico. No conjunto de ações que extrapolam as atividades de graduação e pós, alia-se a formação de futuros profissionais com a prestação de serviço à comunidade acadêmica e externa. Nos relatos que coletamos para a reportagem, então, há uma amostra do quanto a UFRGS é espaço de vivências que derivam de suas atividades-fim e que a tornam um centro articulador das vidas

de muita gente em Porto Alegre. É, pois, um equipamento urbano fundamental para a existência plena.

No mesmo sentido, buscamos entender o impacto da atuação da UFRGS na cultura. A Universidade, desde muito cedo em sua história atuante na organização dos primeiros cursos na área, tem sido um agente importante na formação, dinamização, organização e institucionalização do campo da produção cultural no estado. A partir disso, trazemos histórias de agentes relevantes em diferentes expressões artísticas – literatura, música, artes cênicas e artes visuais – para realçar esse papel e para buscar entender como as atividades acadêmicas têm, depois, uma repercussão na cena local e nacional.

Esse lugar da UFRGS se reflete também na seção Ensaio, na qual a trajetória de Teresa Poester é sintetizada em sua mais recente intervenção para o projeto *Percurso do Artista*. Os resultados do processo de produção foram registrados em fotografias e depoimentos. A artista – professora aposentada da UFRGS – é, pois, representativa da potência criadora e articuladora do campo acadêmico em sua relação com o mundo. No Perfil, a estudante Júlia Pianta também é exemplar dessa intervenção da academia sobre as dinâmicas externas: é a primeira e única mulher que se dedica a estudar bateria na formação em música popular oferecida pelo Instituto de Artes. Como esse é um instrumento normalmente associado à masculinidade, a presença da graduanda

já sinaliza mais um entre os pequenos mas significativos avanços no sentido de tornar o mundo mais plural.

Além disso, trazemos um conjunto de outros temas que contribuem para dimensionar esse impacto da UFRGS. A Universidade extrapola suas fronteiras ao ter a internacionalização como um de seus ideais: a vinda de estrangeiros e o envio de brasileiros para outras instituições areja a academia e traz a ela mais diversidade. Esse debate também ganha, nesta edição, contornos mais opinativos: dois artigos de professores da casa discutem, a partir de diferentes perspectivas, a necessidade do conhecimento e o papel das universidades diante disso. Para pensarmos sobre a diversidade de saberes que hoje chega à academia, realizamos a entrevista com Santiago Franco, cacique guarani. É uma voz implicada nas disputas simbólicas, sociais, econômicas e territoriais que envolvem a questão indígena no país.

E, finalmente, o cultivo dos jardins por Fátima Ávila Cardoso e Rosane de Lima Rodrigues, no Câmpus Centro, sinaliza o quanto estar na UFRGS pode ser manifestação de afeto e cuidado com este ambiente que tanto contém e que tantos congrega. Ainda que a história delas sinalize para limitações da instituição pública, serve de inspiração para tempos em que é da força coletiva e da criatividade que podemos gerar o que pode ser o rumo das universidades federais brasileiras.

Boa leitura!

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 – Bairro Farroupilha,
Porto Alegre – RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor Rui Vicente Oppermann
Vice-reitora Jane Fraga Tutikian
Chefe de Gabinete João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social André Iribure Rodrigues
Vice-secretária de Comunicação Social Édina Rocha

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
E-mail: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial Alan Alves-Brito, Alex Niche Teixeira, André Iribure Rodrigues, Angela Terezinha de Souza Wyse, Aragon Érico Dasso Júnior, Everton Cardoso, Fernanda Souza de Bairros, Fernando Seffner, Marcos Vesolozsuzki Kaingang, Mariana Baierle Soares e Rommulo Vieira Concelção e Thais Furtado
Editor-chefe Everton Cardoso
Editora-executiva Jacira Cabral da Silveira
Editor-assistente Felipe Ewald
Repórteres Felipe Ewald e Fernanda da Costa
Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira
Diagramação Carolina Konrath
Fotografia Flávio Dutra, Gustavo Diehl e Rochele Zandavalli
Revisão Antônio Falcetta
Bolsistas (Jornalismo) Bárbara Lima, Emerson Trindade Acosta, Júlia Provenzi, Karoline Costa e Natalia Henkin
Estagiários Mélani Ruppenthal
Circulação Douglas de Lima
Impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 7 000 exemplares

O JU não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores em artigos assinados.

   jornal@ufrgs
ufrgs.br/jornal



Universidade multicultural

Internacional
Ações para desenvolver a inserção mundial da UFRGS têm como objetivo promover a diversidade cultural

Fernanda da Costa

“Um semestre vai ser bem pouquinho. Queria ficar mais”, revela o intercambista argentino Santiago Rivero Stocco. Em apenas um mês de Porto Alegre, já começou a prever o saudosismo que sentirá em dezembro, quando retornar ao país vizinho. Estudante de Engenharia de Produção da Universidad Nacional de La Pampa (UNLPam), na cidade de General Pico, veio para a UFRGS por meio de um convênio entre as instituições e relata estar em casa. Toma mate, come churrasco e até achou um time para jogar futebol.

Ele é um dos cerca de 300 estudantes que a UFRGS recebe anualmente por meio dos programas de mobilidade acadêmica, uma das ações da proposta de internacionalização da Universidade. Além de ter como parte importante do trabalho acolher estrangeiros e facilitar a ida de alunos brasileiros para outros países, a Secretaria de Relações Internacionais (Relinter) tem uma visão bem mais abrangente sobre o que é e como tornar a entidade mais internacional. “O conceito envolve trabalhar com a dimensão mundial e multicultural em toda a Universidade, abrangendo ensino, pesquisa e extensão e atendendo alunos, professores e técnicos. É ampliar as experiências que oferecemos para as pessoas”, explica o secretário de Relações Internacionais, Nicolas Bruno Maillard.

Nesse sentido, a Relinter coloca a internacionalização como um meio para aumentar a diversidade na academia. “Ao ampliar as opções para expor nossos pesquisadores e nossos alunos a um número maior de culturas, providenciamos experiências mais ricas a todos. Isso possibilita renovar ideias, capacitar melhor nossos alunos, preparar nossa comunidade para o convívio em um mundo mais integrado do que no passado e produzir conhecimento mais amplamente qualificado”, informa a secretaria no seu Plano Institucional de Internacionalização. Entre os exemplos de ações realizadas, estão capacitações em idiomas, presença de professores de diferentes origens, disciplinas e cursos em línguas estrangeiras e projetos de pesquisa internacionais.



Da esquerda para a direita: Katarina, Santiago e Julia, intercambistas da Alemanha e Argentina

Estrangeiros – Foi por causa da capacitação em língua portuguesa que recebeu na Universidade de Bochum, na Alemanha, que a estudante de Física Katarina-Sophie Flashar decidiu vir ao Brasil.

“Ao ampliar as opções para expor nossos pesquisadores e nossos alunos a um número maior de culturas, providenciamos experiências mais ricas a todos.”

Nicolas Maillard

Sem conhecer o país, pesquisou cidades e universidades na internet e escolheu Porto Alegre por causa do tamanho e da qualificação do ensino de Física da UFRGS. “Não queria uma localidade muito grande, porque minha cidade, Bochum, não é muito grande (tem cerca de 400 mil habitantes). Gostei de Porto Alegre porque tem muitas opções culturais, muitas coisas acontecendo, e a UFRGS tem um acordo bilateral com a minha universidade, o que facilitou muito”, explica a alemã que chegou em fevereiro deste ano.

Katarina comenta com alegria que pode aproveitar disciplinas oferecidas por outros cursos, como Geologia, além da Física. “Na Alemanha, tenho apenas sete ou oito opções de cadeiras eletivas que posso escolher para contar como

créditos para a minha formação. Aqui na UFRGS, a oferta é enorme”, relata Katarina, que neste semestre se matriculou em aulas de Libras.

O ensino também chamou a atenção da argentina Julia Antenucci, que chegou em agosto para estudar Licenciatura em Matemática. “Estou gostando muito das cadeiras de Educação em Matemática. Na minha universidade, temos apenas seis disciplinas de diferença entre a licenciatura e o bacharelado, é muito similar. Aqui, tem mais aulas de Pedagogia. Isso vai ser muito importante para a minha carreira como professora”, conta a estudante da Universidad Nacional de Mar del Plata, na cidade de Mar del Plata.

Atualmente, a UFRGS possui acordos com 270 instituições internacionais de 35 países. França, Espanha e Alemanha são os três locais com maior número de universidades parceiras: 50, 35 e 31, respectivamente.

Laços multilaterais – Para promover cada vez mais ações internacionais, a UFRGS aposta em estratégias para estreitar laços bilaterais e multilaterais com outras instituições, países e blocos regionais, como a União Europeia e o BRICS (Rússia, Índia, China e África do Sul). No Plano Institucional de Internacionalização, a universidade pontua que possui relações históricas com todos os países do oeste europeu e da América do Norte, que possuem forte impacto científico. Entre os resultados dessas parcerias estão artigos publicados em coautoria, projetos conjuntos de pesquisa, co-organização de eventos científicos e a captação conjunta de recursos através de programas bilaterais, como Erasmus+ CBHE e Jean Monnet e Horizon2020, e unilaterais, como com a Suécia e a Noruega.

A Relinter também comemora o fato de outras universidades procurarem a UFRGS para parcerias sobre temas específicos. “Dois exemplos em duas áreas distintas são o

recém-criado Centro de Estudos Europeus e Alemães, com fomento do DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst, organização alemã de intercâmbio acadêmico), o único dos 21 no mundo que está localizado no hemisfério sul, com vocação para tratar de ciências humanas e linguística, e o Laboratoire International Associé CNRS LICIA, em computação, com fomento francês da Université de Grenoble Alpes”, informa o Plano Institucional de Internacionalização.

A Universidade também tem trabalhado para avançar nos contatos com a China e com a Rússia. A instalação do Instituto Confúcio na UFRGS em 2011 – instituição sem fins lucrativos, dedicada ao ensino da língua e da cultura chinesas, presente em outras nove universidades brasileiras – contribuiu para estreitar a relação com os asiáticos. Atualmente, a China é o segundo país que mais envia intercambistas para a universidade, atrás apenas da Colômbia. Com a Rússia, a aproximação da instituição começou em 2014, possibilitando pesquisas e parcerias nas áreas de microeletrônica, cibersegurança e políticas públicas.

Mapa interativo

Veja no site do JU infográficos com todos os dados sobre a procedência dos estudantes que vêm à UFRGS e sobre os destinos preferidos dos alunos da Universidade, além da lista de instituições internacionais parceiras.



UFRGS TV

CONHECENDO A UFRGS

Educação ambiental

“A Universidade, assim como uma cidade, gera diversos impactos. Impactos sociais, ambientais e econômicos. Temos uma responsabilidade muito grande não só com a comunidade interna, mas também com a externa”, afirma Marcelo Zaro, engenheiro ambiental da Assessoria de Gestão Ambiental (AGA).

Em 2008, sob a administração da AGA, foi implementado o Sistema de Gestão Ambiental (SGA) na UFRGS para auxiliar o desenvolvimento sustentável da instituição com a análise dos impactos gerados e pelo planejamento de atividades de controle ambiental.

O sistema é estruturado em quatro programas: Educação Ambiental, Licenciamento Ambiental, Aspectos e Impactos Ambientais e Certificação Ambiental. A partir dessa formação, desdobram-se 16 projetos que buscam trazer soluções para essas problemáticas. Entre eles está a revitalização da barragem Mãe D’água, em Viamão, uma parceria da AGA com a Escola Estadual Governador Walter Jobim, cujo enfoque é trabalhar com alunos do 5.º ano com o objetivo de conscientizar os moradores da região.

Marcelo considera que colocar as pessoas como ferramenta principal de mudança faz parte do processo proposto pela AGA: “É preciso que haja uma imersão na realidade da comunidade universitária para que a gente entenda melhor as dificuldades e os desafios de cada setor, pois cada unidade é diferente uma da outra, e nós precisamos levar em consideração essas particularidades. Se a gente não fizer dessa forma, a gente não faz gestão ambiental”.

Mélani Ruppenthal,
estudante do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

Assista ao programa

Para saber mais sobre a Assessoria de Gestão Ambiental, assista ao programa Conhecendo a UFRGS, que vai ao ar no dia 29 de outubro, às 23h, na UNITV, Canal 15 da NET PoA.



A universidade como instituição de defesa do conhecimento

Glaucia Campregher*

Um povo não é um amontoado de pessoas, um “montão” de gente. Só quando as partes desse montão se identificam umas às outras, só quando criam os próprios elementos que servirão a essa identificação, é que se tem um povo. Só nos constituímos enquanto povo ao construirmos um patrimônio comum feito de elementos os mais variados. Uma língua comum, mitos que nos contem histórias comuns (por exemplo, sobre nossas origens e o sentido de nossas existências), crenças nos mesmos deuses, instrumentos musicais de certos tipos, esportes que jogamos com mesmas regras e objetivos, danças que dançamos de determinados modos em determinadas festas e rituais, e até armas que usamos em conflitos que julgamos justificarem seu uso. Cada elemento desses tem um corpo material – é objeto de trabalho – e uma intenção social – é objeto de desejo. Cada um desses (e tantos milhares de outros) é produzido a partir de coisas físicas e também de valores morais. Da palavra à espada, esses elementos carregam ideias e ideais. Quanto mais um povo tem noção desse processo de produção de si mesmo através da produção desses elementos todos, mais esse povo é capaz de criar uma nação. E isso mesmo que essa produção se dê de modo conflituoso entre as partes, ou seja, mesmo que essa produção se dê a partir de sacrifícios e ganhos desproporcionais... Mesmo assim, ou até por isso, muitos povos criam ideias e ideais tão poderosos; os produtos de sua cultura caminham distâncias e eras. Esses povos

vão além da criação de uma nação, criam uma verdadeira civilização.

Ao longo da história dos humanos sobre a Terra, os povos que se quiseram mais fortes e longevos acharam por bem cuidar da educação de suas crianças e jovens de um modo, digamos, institucional. Não bastava que os velhos passassem adiante oralmente os mitos comuns; não bastava que artesãos, caçadores, religiosos, guerreiros ensinassem aprendizes escolhidos a dedo. Escolas seriam necessárias. Muito cedo, os espaços constituídos para o ensino do que se sabia começaram a desenvolver discussões que colocavam em xeque os conteúdos pretensamente sabidos e também os métodos que eram usados na procura do saber. Em muitas culturas, nos espaços que se vieram chamar depois de escolas e universidades, a dúvida não era pra ser só aceita, mas incentivada. A contestação não era pra ser só disputa, mas ensejo à investigação. Desconheço um povo que tenha se tornado forte, uma cultura que tenha se tornado duradoura, que não tenha criado universidades, que não as tenha dotado de recursos materiais, liberdade de pensamento e respeito social.

O conhecimento e a pesquisa seguindo livres, sem comprometimento imediato com este ou aquele interesse particular (ainda que se possa estrategicamente colaborar com interesses particulares quando justificados frente ao público), possibilitam à sociedade criar mais e melhores bens e mais e melhores valores. Os bens satisfazem as necessidades do estômago e da fantasia. Os valores questionam até que ponto a boa vida se resume a essa

satisfação. E também até que ponto a concentração desses bens nas mãos de uns poucos é prejudicial à reprodução do todo. Assim, se a universidade ajuda as sociedades a criarem prédios e remédios, também as ajuda a questionar. Além disso, sejam as coisas mais concretas, sejam os valores e conceitos mais abstratos, as universidades os ajudam a criar, desenvolvendo as capacidades humanas necessárias à sua produção. O desenvolvimento de capacidades é tão importante que chega a ser prejudicial a um povo ser muito bem dotado de um recurso natural que todos almejem e a eles pouco custe. Os economistas chegam a chamar de “doença” essa riqueza que vem demasiado fácil. Se o nosso petróleo, por exemplo, estivesse muito à superfície, a nossa engenharia não teria se desenvolvido tanto e não teria levado consigo outras áreas de conhecimento a se desenvolverem.

Mas criar e desenvolver conhecimentos e capacitações, mais ou menos diretamente aplicáveis à produção tanto de riquezas como de ideias que questionem o que é a verdadeira riqueza, não é tarefa fácil. Acima de tudo, os conhecimentos que se impõem o conseguem por meio de discussões abertas, ainda que ordenadas. Não se ganha discussão alguma no grito. Não se valida um argumento sem convencimento. Não se convence pela força. “Achologia” não é ciência. Ideologia não é ciência, ainda que possa ser pensada cientificamente. Talvez isso seja o melhor que as universidades têm a ensinar às sociedades que as criam. O ensinamento de que o conflito entre ideias não é só possível como necessário.

Hoje, a universidade como instituição de defesa e promoção do conhecimento vem sendo atacada no Brasil. Os esforços de décadas para colocarmos as nossas universidades a serviço da sociedade, e mais e diversos membros da sociedade dentro das universidades, vêm sendo postos fora. Os ensinamentos produzidos por gente que pesquisa e reflete profundamente, que discute e valida em meio à crítica seus argumentos, mesmo aqueles que conquistaram consenso universal – como os do valor da democracia, da forma da Terra ou das evidências acerca do aquecimento global –, estão sendo atacados. Mas o ataque mais preocupante não é sobre essa ou aquela verdade estabelecida, mas contra a essência mesma da universidade de promover a reflexão séria e cuidadosa, seja dirigida para questionar velhas verdades, seja para produzir novas. Não é verdade que as universidades despejem verdades, elas as constroem com muito custo e por meio de muitas discussões. Nelas, uma opinião só é digna de ser discutida se balizada por uma reflexão orientada e fruto de pesquisas amplas e cuidadosas, não da experiência particular do “dono” da opinião. Isso não significa negar ao cidadão comum o direito de participar de uma discussão, mas de capacitá-lo para tanto. As universidades a serviço de um povo com projeto de nação sabem bem disso e estão aptas a essa missão.

*Professora do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS





FLAVIO DUTRA/JUI

Grande manifestação pela Educação no dia 15 de maio desse ano, após cortes de verbas para o setor

Participação da comunidade acadêmica nas mobilizações

Alfredo Alejandro Gugliano *

Atualmente vivemos um momento de mobilização da comunidade acadêmica brasileira, movimento desencadeado em razão de um conjunto de cortes no orçamento universitário e de tentativas de intervenção direta não só na gestão das instituições, mas também nos conteúdos didático-pedagógicos apresentados em sala de aula.

Tradicionalmente a Universidade cumpriu papel relevante em momentos centrais da história do país. Seja pela criação de um suporte científico-tecnológico voltado para áreas estratégicas, seja pela mobilização de sua comunidade, a Universidade foi peça-chave na afirmação de um modelo de desenvolvimento cuja prioridade são os interesses da sociedade brasileira.

O engajamento político das instituições universitárias sempre foi visto por muitos como uma expressão natural de uma instituição que, nos diferentes campos de saber, estava voltada para a produção de conhecimentos cujos propósitos eram aperfeiçoar a sociedade e transformar o mundo num lugar melhor para se viver. Até os dias de hoje esse fundamento move a rotina de milhões de cientistas dentro e fora do país no seu trabalho diário em salas de aula, laboratórios e centros de pesquisa.

De modo geral, desde as suas origens, a Universidade sempre esteve voltada para a política num sentido amplo do termo. Sem menosprezar atividades individuais que possam estar relacionadas com o engajamento político-partidário de alguns dos seus membros, nas instituições de ensino superior vem predominando a concepção

de política entendida como um bem público, entendida enquanto uma arte do relacionamento cívico. Utilizando o ideário de Hannah Arendt, seria a política vista como algo essencial para a vida humana, o componente que liga o indivíduo à sociedade. É dessa forma que grande parte da sociedade vê as instituições acadêmicas como um espaço de desenvolvimento de políticas públicas, independentes, autônomas em relação aos governos e suas ideologias, comprometidas com o futuro da nação.

Recentemente o governo federal implementou importantes cortes orçamentários nas universidades, prejudicando atividades de ensino, pesquisa e extensão. Concomitantemente à redução abrupta de recursos, o ministro da Educação apresentou projeto visando remodelar o ensino superior – proposta sugestivamente chamada de “Future-se”.

Diante disso, diversos conselhos universitários, vinculados a distintas universidades brasileiras, vêm se posicionando contra essa proposta governamental. Os principais argumentos que amparam esse posicionamento são que o “Future-se” condiciona a autonomia universitária ao aceitar a possibilidade de uma gestão externa; igualmente estimula a redução dos investimentos públicos com a educação, possibilitando a vinculação do financiamento universitário das instituições públicas aos aportes de organizações econômicas voltadas ao lucro privado.

Fruto dessas circunstâncias, vivemos um período no qual especialmente a universidade brasileira experimenta um forte processo de mobilização que se manifesta tanto no interior quanto no exterior das institui-

ções de ensino superior. Uma movimentação que em grande medida está vinculada à defesa da ciência e tecnologia brasileira e à garantia da autonomia da nação diante de um quadro econômico internacional no qual o desenvolvimento tecnológico, entre outras questões, está diretamente relacionado com a importância de cada país no cenário político internacional.

No presente momento, a mobilização política da comunidade universitária vem se destacando em dois aspectos. Em primeiro lugar, em função do aumento dos debates no interior da universidade sobre as políticas educacionais do governo Bolsonaro e suas implicações. Nesse universo estão sendo discutidos aspectos relacionados à liberdade de cátedra, além dos conteúdos que devem ser ministrados nas instituições acadêmicas, muito especialmente no campo das Ciências Sociais e Humanas. Igualmente toma vulto o debate sobre o corte de verbas e seu impacto, não apenas no funcionamento cotidiano das instituições, mas também no tocante ao desenvolvimento científico e tecnológico, com a eliminação de bolsas de pós-graduação e recursos vinculados a muitas das universidades mais importantes não apenas do país, como também em âmbito internacional.

Em segundo lugar, a mobilização universitária vem ocupando as ruas, transformando-se num canal a partir do qual toda a sociedade vem manifestar preocupação com a preservação do ensino público no país, demonstrar insatisfação em relação a um conjunto de projetos na área da educação apresentados pelo governo federal que apontam não somente para uma pos-

sível privatização das universidades, mas, sobretudo, pregam uma clara ideologização dos conteúdos apresentados no espaço educacional, resgatando uma doutrina cívico-militar identificada com o período no qual vigorava uma ditadura militar no país. Atentas a essa situação, em maio de 2019 as comunidades acadêmicas das universidades e institutos federais participaram de duas grandes manifestações públicas no país. Atos públicos e marchas foram realizados em aproximadamente 230 cidades, reunindo mais de 1 milhão de pessoas. Tais manifestações repetiram-se no mês de agosto com número semelhante de participantes. Mesmo nos dias de hoje mantêm-se focos de mobilização nas principais universidades do país, muitas delas envolvidas também com a formação das listas triplíplices para a eleição dos reitores e com a luta pela nomeação dos candidatos mais votados pela comunidade acadêmica.

Ainda é prematuro prognosticar a resolução desse quadro. Contudo, a ofensiva do atual governo sobre algumas das conquistas históricas da universidade brasileira teve como principal consequência o despertar da comunidade acadêmica para a gravidade do momento político que estamos vivendo no país. E, sem dúvida, algo novo paira no ar. Nas marchas em defesa da educação não apenas se vem forjando a unidade de diferentes setores sociais, mas também se vem construindo a convicção de que não existe uma nação forte sem um ensino público, gratuito e de qualidade.

*Professor do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFRGS

Atividade física O espaço para prática de esportes e os projetos oferecidos pela Esefid atraem o público externo para dentro da Universidade

Lucia Castro reside em um apartamento no bairro Jardim Botânico, em Porto Alegre, desde 2014, mas somente na metade deste ano descobriu o universo que é o Câmpus Olímpico da UFRGS, onde está localizada a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (Esefid). A bancária se deslumbrou ao perceber o espaço arborizado e público por trás das grades que o separam da cinzenta avenida Perimetral. Pelo menos duas vezes por semana ela contorna o perímetro de 1.200 metros do câmpus. “É um lugar tranquilo para caminhar, passa segurança”, argumenta. Para ela, o trajeto, que leva 30 minutos para completar, é “repleto de natureza, e o cheiro maravilhoso de eucalipto toma conta do ar”.

Durante o exercício, a mulher de 52 anos costuma se perguntar onde estão os alunos da UFRGS, porque “encontra muitas pessoas que parecem de fora” realizando atividades. Os estudantes, evidentemente, estão lá, envolvidos nas salas de aula, nas quadras, na pista de corrida. A observação de Lucia, no entanto, também está correta. O Câmpus Olímpico é bastante frequentado pela comunidade externa todos os dias da semana. Segundo João Oliva, coordenador da Comissão de Extensão da Esefid, a unidade possui 78 projetos de extensão, alguns chegando a extrapolar os limites físicos do local, como é o caso das aulas de iniciação às danças ciganas, ministradas no Centro Cultural da UFRGS, no Câmpus Centro.

Caminhadas – Enquanto Lucia caminha numa quinta-feira de setembro, início de primavera, grupos de faixas etárias diversas se movimentam ao redor até quando tudo parece silencioso. Perto das salas, os alunos jogam vôlei em círculo enquanto esperam o início das aulas teóricas. Do espaço de dança rítmica vem o som da inconfundível música gaúcha Maçanico, de Barbosa Lessa e Paixão Cortes, e pessoas vestidas a caráter ensaiam a coreografia. Nos campos de futebol, com filhotes de quero-quero como espectadores, as Gurias Coloradas das categorias de base do Internacional treinam. Nas quadras de tênis, um time amador começa o aquecimento ainda com as raquetes

no chão. Ao fundo do terreno, no interior de um galpão de madeira, idosos se preparam para dançar. Com sorte, ainda é possível presenciar uma atleta praticando lançamento de martelo. São duas horas da tarde, e tudo acontece ao mesmo tempo.

Não muito distante, na pista de atletismo de cor azul feita de material especial (polysoprene), localizada no centro do parque esportivo, Georgeta da Rocha encontrou a companhia que estava precisando. Paciente com esclerose múltipla, a relações públicas de 62 anos diz que ficou sabendo do projeto de orientação e caminhada para pacientes de AVC e esclerose múltipla através do Hospital de Clínicas. Ela não imaginava que a Universidade oferecesse esse tipo de programa. “Eu vim porque me sentia muito só. Estou adorando”, conta. Já a engenheira civil Mariana dos Santos, 36 anos, foi diagnosticada com esclerose há dois anos. “Agora já estou caminhando melhor; antes, não conseguia nem levantar da cama.”

O professor Luciano Palmeiro e os voluntários da fisioterapia checam a pressão dos participantes e auxiliam no aquecimento antes de darem a volta na pista. “Sabemos que fazer exercício uma vez por semana é pouco, mas nosso objetivo é mostrar para eles que, mesmo com a doença, a atividade é benéfica e essencial para uma melhor qualidade de vida”, explica o docente. Tanto Georgeta quanto Mariana consideram a iniciativa importante para retribuir à população os impostos cobrados. “Dá para ver que a UFRGS tem essa preocupação; você não vê isso em outros lugares. Eu sou uma mulher preta que teve vários privilégios, mas e a população que não tem? Só acho que deveria ser mais divulgado”, sugere a engenheira civil.

A maioria dos 13 pacientes em acompanhamento no projeto tomou conhecimento da possibilidade pela clínica de fisioterapia da Esefid e pelos ambulatórios de fisioterapia neurofuncional do Hospital de Clínicas. Mário Alves, no entanto, ficou sabendo pela divulgação no site da Esefid. O aposentado conta que a filha o inscreveu porque ele enfrentou três AVCs no início do ano passado. “Eu fumava muito, achava que não ia acontecer nada”, lembra. Mário relata que, desde abril, quando teve início o projeto, a mudança é notável: “Em casa, eu já consigo andar sem muletas”.

Luciana Gonçalves, 43 anos, também vem participando desde o início e revela que quando foi convidada pelo professor Luciano ficou um pouco receosa. “Assim que ele me convidou, eu pensei: ‘Eu estou parada, como vou conseguir fazer os exercícios?’. Fui e no primeiro dia me surpreendi. Achei que não ia conseguir dar uma volta na pista, que não ia conseguir fazer nada, mas, com a orientação, com o cuidado, consegui”, lembra. O contato da Universidade com a comunidade é muito relevante para

Um câmpus movi



Ana Clara (alto) treina o “movimento avião” para participar da Copa Escolar de Ginástica. Nas quintas-feiras, os alunos da Fisioterapia. Depois que começou a frequentar a Esefid, Mário Alves (direita) apresentou

us em imento



FOTOS: FLAVIO DUTRA/JU



...iras, grupo de pacientes de esclerose múltipla e AVC praticam caminhada e exercícios com orientação
...u melhoras evidentes, pois já consegue andar sem o auxílio da muleta em casa



Luciana. “A UFRGS está formando as pessoas, e a gente tem que saber o que está se passando aqui dentro. É muito bom saber que a formação que acontece aqui é muito boa”, ressalta. Já para Mário a relação é de amizade com os graduandos. “São gente fina esses guris”, diz sorrindo para o seu companheiro de caminhada, Alisson Blas Fraga, que está cursando Fisioterapia.

Ginástica – A alguns metros da pista de atletismo, o silêncio ao redor do ginásio de ginástica é sinal de concentração. Tatames verdes e amarelos para lutas, como o judô, tomam conta do espaço, mas é nas bordas que a pequena Ana Clara Tarragô, de nove anos, se diverte sem perder o foco: argolas, barras assimétricas e barra fixa são alguns dos aparelhos que ela e outras crianças utilizam nas aulas do projeto Vivências em Ginástica Artística, que procura proporcionar um contato lúdico com o esporte.

Todas as terças e quintas, Ana Tarragô acompanha a filha nas aulas de ginástica. A autônoma descobriu o projeto depois que os alunos da UFRGS foram à escola da filha para divulgação. “É muito importante ter iniciativas como essas na Universidade. Eu não teria condições de bancar um clube. Se não tivesse esse projeto, eu não teria como pagar aulas para ela”, relata. Ana também lamenta o desmonte da educação pública. “Temos que aproveitar enquanto é possível; a conjuntura atual não permite saber até quando isso vai durar.” Há quinze anos em funcionamento, o programa *Ginástica para Todos* atende hoje, em média, 90 crianças. Segundo João Victor Rodrigues, um dos instrutores, que também é estudante de graduação, num país em que as oportunidades estão voltadas para o futebol, oferecer um esporte diferente é essencial. “Além disso, os preços e as bolsas tornam o projeto inclusivo”, explica.

Inspirada na ginasta Jade Barbosa, Ana Clara sonha em ser atleta profissional. Esguia e ágil nos aparelhos, ela está há dois anos na ginástica e já é quase uma veterana da *Copa Escolar de Ginástica* – campeonato interno do qual participa pela terceira vez este ano. Entusiasmada, a menina “obriga” Ana a assistir aos vídeos das competições nacionais e olímpicas. “Eu aprendi muito sobre ginástica por causa dela”, conta a mãe.

No banco, Daiane Alves espera o fim das aulas junto de outras mães. Sua filha, Isadora Alves, é a mais baixinha da turma, mas não sente medo de realizar os saltos propostos em aula. “A Isadora entrou aqui no ano passado. Treina em todos os aparelhos e já vai participar da segunda copa”, relata orgulhosa. Segundo o coordenador João Oliva, os equipamentos não são melhores nem piores que os dos clubes. Para ele, a diferença está na dinâmica das aulas. “Tem algumas crianças que se destacam e vão para os clubes, mas quando chegam lá se assustam com a seriedade da prática e querem voltar. Nossa ideia é desenvolver a

consciência corporal da criança de forma que ela se divirta”, explica.

Parafuso, Avião e Carpado são alguns dos movimentos que crianças entre quatro e 12 anos executam com maestria no projeto *Vivências em Ginástica Artística*. Mas o esporte ultrapassa todas as idades e condicionamentos físicos. O programa *Ginástica para Todos* é um exemplo disso: “Temos um público mais geral. Tivemos dois alunos com síndrome de Down. Então essa modalidade é para todos mesmo”, enfatiza João. Para os menores, com três e quatro anos de idade, o projeto *Corpo e Movimento* proporciona um melhoramento na coordenação motora. Já para os jovens acima de 12 anos, a *Ginástica Esportiva* é um programa com um ambiente mais competitivo.

Idosos – A diversidade do público que frequenta o Câmpus Olímpico é evidenciada nos projetos. Enquanto no ginásio o silêncio da concentração das pequenas ginastas impressiona, no Galpão da Esefid a agitação faz parte das aulas de dança para idosos. O Celari (Centro de Estudos de Lazer e Atividade Física do Idoso) é um programa de extensão que atende idosos acima de 60 anos com atividades físicas e sociais que vão desde hidroginástica a aulas de canto – os participantes podem escolher até duas atividades. Segundo a coordenadora do programa e professora de Educação Física Andréa Kruger, as escolhas deles são feitas de acordo com as necessidades e os gostos pessoais. Além das atividades fixas, o espaço também serve como salão de festas. “No galpão ocorre a comemoração de aniversariantes do mês e de datas festivas, como São João e Páscoa”, relata a professora.

O Celari completa duas décadas de existência neste ano e conta com 250 participantes. “Eles não têm tempo máximo no projeto, tanto que a gente tem idosos que estão há 20 anos conosco”, revela Andréa. Mesmo sem uma periodicidade estipulada, sempre abrem vagas conforme alguém desiste. “No momento atual, a gente tem uma lista de espera bem grande, de aproximadamente 700 pessoas. É muita gente esperando”, salienta.

Seja por estar localizado em um bairro bastante residencial, seja pelo interesse da comunidade externa pelo esporte, ou ainda pela relação do câmpus com a medicina preventiva e até paliativa, o fato é que as pessoas se sentem à vontade e acolhidas na Esefid. A quantidade de realidades simultâneas flagradas no câmpus surpreendeu Lucia Castro. “Agora tá explicado!”, diz ao tomar conhecimento das diferentes atividades. Nas sextas, ela também faz a caminhada, mas nos sábados e domingos, quando o espaço está fechado ao público, ela precisa procurar outro lugar para praticar. “Sinto até saudade”, ri.

Bárbara Lima e Karoline Costa, estudantes do 8.º e do 4.º semestres de Jornalismo da UFRGS

Diretor do MARGS e doutor pela UFRGS,
Francisco Dalcol posa junto a obras do
espaço expositivo do museu

Caminhos para a arte



Formação *Relatos de profissionais egressos de diferentes cursos da UFRGS reafirmam a importância da universidade como lugar de ensino e pesquisa das expressões artísticas*

Se a literatura se propusesse a “pintar um quadro” da atualidade, poderia usar o trabalho da escritora Yoko Tawada, aposta o professor Gerson Roberto Neumann, do Instituto de Letras da UFRGS. Japonesa radicada na Alemanha, Tawada simboliza um momento histórico de profusão de movimentos migratórios, com obras como *Memórias de um Urso Polar*. O livro foi traduzido para o português no mestrado da então orientanda do docente, Lúcia Collischonn de Abreu.

Para Gerson, a literatura e as outras artes tentam levar o indivíduo a se compreender e a buscar ser compreendido, assim como quem tenta nova vida em outro país. O docente considera a obra de Tawada como sem moradia fixa, uma literatura que não é tipicamente alemã nem japonesa, porque não é importante saber onde foi escrita. Uma lição imprescindível para um mundo que começa a dar espaço a movimentos que repudiam o encontro com o diferente e se apegam a valores nacionalistas excludentes.

A pesquisa e a tradução da obra reafirmam o papel da Universidade como promotora de cultura. Neste texto, o JU traz o relato de profissionais que têm trajetórias atravessadas pela UFRGS na sua formação como agentes do campo artístico.

Diferença que atrai – Rafael Marques começou sua trajetória musical aos 13 anos no IPDAE - Instituto Popular de Arte e Educação, na Lomba do Pinheiro. Hoje é músico de orquestra, diretor artístico, professor e pesquisador. Entrou na UFRGS em 2013 pelo bacharelado de música com ênfase em flauta transversal e atualmente é aluno do mestrado em práticas interpretativas. Na Universidade, aprendeu e experienciou vários pilares da carreira musical – pesquisa, performance e docência –, além do importante contato com os professores.

Durante sua vivência universitária, Rafael participou de diversos festivais e conquistou prêmios como o Jovens Solistas, ocasião em que se apresentou à frente da Orquestra de Câmara

Fundarte. Em 2016, foi considerado o Melhor Jovem Flautista do estado durante o VII Encontro Internacional de Flautistas.

“[a contemplação] é um ato necessário, porque, quando você faz isso, você não está seguindo os estímulos externos que lhe são dirigidos.”

Francisco Dalcol

Uma de suas características marcantes é o empenho per-

manente de aperfeiçoamento. Dessa forma, ele busca estar preparado para trilhar todos os caminhos possíveis na carreira musical – de professor universitário a instrumentista de orquestra. O mestrado na UFRGS, segundo ele, é o ápice de sua carreira em termos técnicos, instrumentais e artísticos.

Rafael considera que, para viver de música, hoje, o músico precisa expandir seus conhecimentos e saber exercer todos os papéis, desde a produção até a performance. Apesar das constantes crises que a produção artística e cultural sofre, para ele, cabe ao artista se reinventar e encontrar outras formas de fazer música. Rafael enxerga cada dificuldade como um desafio: “Pra mim, nunca foi fácil e nunca vai ser fácil, então acho que o desafio é sempre o que vem me movendo até agora”.

O músico reclama da diminuição do público, mas acredita que essa tendência é reversível. Segundo ele, o artista é sempre capaz de criar música que vá ao encontro de outras pessoas. Diretor artístico do Lux Sonora,

orquestra de câmara da UFRGS dedicada à música barroca, Rafael acha importante, a fim de conquistar novos públicos, investir na diferença a cada performance, além de criar interações com a audiência e relações com outras formas de arte. Algumas das associações trabalhadas pelo grupo são criar concertos temáticos e vincular poesia e história aos espetáculos.

“Estamos em uma crise, mas a arte ainda prevalece”, crê Rafael. Cauteloso ao definir o conceito de arte, especula que seja “tudo o que vem ao encontro do âmagdo do ser”. Na sua opinião, a arte é ampla e pode ser qualquer coisa que produza sensações no outro. “Eu defino música como todo e qualquer som que mexe contigo”, reflete, de um ruído ambiente a uma sinfonia. Para ele, a arte leva o indivíduo ao encontro de si.

Trânsito livre entre as artes – Martina Frohlich foi estudante do Instituto de Artes (IA) da UFRGS em um período marcante: era aluna e integrante do



Diretório Acadêmico quando da implementação das políticas afirmativas, em 2008, ano que marcava também o centenário do Instituto e o cinquentenário do Departamento de Artes Dramáticas (DAD).

Um período que representou não só a mudança importante no perfil dos ingressantes, mas também a criação de um legado das comemorações das datas históricas: o Grupo Cerco, que tem em Martina uma de suas fundadoras, nasceu do resgate de uma tradição interrompida. Nos anos 1980, costumava-se apresentar um espetáculo teatral aberto a toda comunidade. A direção decidiu retomar essa iniciativa para comemorar o centenário, e a apresentação teve ótima recepção. O grupo montado para a ocasião seguiu trabalhando nela e acabou se estabelecendo como mais do que um grupo reunido pontualmente para um espetáculo.

Em 2016, o Cerco foi escolhido para representar a Universidade em Portugal. À época, os integrantes já não faziam parte da UFRGS, mas ainda ensaiavam no DAD. “Fizemos uma mostra comemorativa dos 10 anos no Teatro São Pedro e agradecemos à ‘nossa mãe UFRGS’. Mas sentimos a necessidade de ter um espaço próprio para podermos viver de arte e sermos cada vez mais profissionais, até porque as instalações do DAD recebiam novos alunos, tinham uma demanda grande”, conta Martina. Depois de muita pesquisa, o grupo cênico conseguiu a concessão do espaço que lhe serve de sede atualmente, no centro de Porto Alegre.

Além de apresentações do grupo, a sede recebe também oficinas e eventos que auxiliam no seu sustento. As atividades muitas vezes transitam entre diferentes expressões artísticas, com uso frequente de linguagens da música e da dança. Uma mistura que não é novidade alguma para Martina: além da atuação em peças teatrais, filmes e séries, também já participou de conjuntos musicais e é uma das fundadoras do Bloco da Laje, um dos mais conhecidos do carnaval de rua de Porto Alegre, que integra música, atuação e folia. “A arte, por definição, é universal, interdisciplinar. Acho que não existe fronteira entre as formas de manifestação artística”, enfatiza.

O intercâmbio e o livre trânsito entre as artes fazem parte da receita de Martina para quem quer viver de arte em 2019. “É preciso criatividade. Até porque moramos em um país que se bipolarizou sobre o projeto de sociedade que queremos e que parece achar que a arte não é importante. O sufocamento moral da cultura é uma forma de sufocar a identidade do Brasil; costume dizer até que valorizar nossa cultura é questão de soberania nacional. E, pra conseguir desmontar as narrativas mentirosas sobre a nossa arte, é preciso diálogo, paciência e muita criatividade”, conclui.

Quando a arte acontece – Vencedor de uma das maiores premiações literárias do país, o Prêmio São Paulo de Literatura, com o livro *A parede no escuro*, Altair Martins escreve romances, contos e peças de teatro, além de ser ator e professor. Teve toda a sua formação na rede pública de ensino. É bacharel em Letras com ênfase em tradução (Francês) pela UFRGS, onde cursou também o mestrado e o doutorado, e hoje é aluno do curso de História da Arte. Apesar de sempre ter desejado ser escritor, considera fundamental sua passagem pelo bacharelado. Por meio da Universidade, teve aprendizados para além do universo das letras e das artes. Para ele, a vivência na UFRGS ensina a compartilhar espaços, proporciona interação com os professores e oportuniza novas experiências.

A escrita, segundo ele, é um ofício com menos glamour do que se imagina. Ao contrário de outras artes, como a música e o teatro, a escrita não costuma ser praticada em conjunto, e por isso Altair a considera um trabalho solitário – por outro

lado, o autor afirma que “o livro só acontece se encontra eco no outro”. Para ele, a literatura é um diálogo entre quem escreve e quem lê.

Talvez nunca se tenha lido tanto no Brasil, especula Altair; em contrapartida, em uma sociedade em que tudo é efêmero e tudo é produto, a produção literária é cada vez mais negligenciada. Embora seja difícil competir com mídias audiovisuais, o autor aponta que a literatura é essencial para contestar a ilusão de que existe um mundo neutro e para pautar discussões na sociedade – por menor que seja o público. “Fazer literatura é segurar a lâmpada para que a escuridão não se multiplique”, enfatiza.

Altair é pessimista com relação ao ritmo frenético e consumista da sociedade: acredita que não há como reverter esse processo, mas ainda assim considera essencial continuar produzindo. “A derrota é bem clara, o que existe é a resistência”, resume. Nesse contexto, considera que ler literatura é um ato antissistêmico. Logo, se a literatura e a arte não forem subversivas,

elas perdem o sentido.

A literatura nos reconecta com o que há de essencial em ser humano. O ato de ler exige condições de espaço, tempo e luz; por isso, literatura é pausa e também é arte. “A arte verdadeira, pra mim, é a que nos leva a sair da pretensa normalidade.” Cada vez mais as barreiras estão sendo rompidas: música, dança, teatro e literatura são algumas das expressões artísticas que se cruzam no trabalho de Altair. Para ele, não cabe discutir “o que” é arte, mas, sim, “quando”, porque qualquer situação do cotidiano, realocada para um contexto artístico, torna-se arte. “A arte é exatamente esse roubo; é o que eu consigo arrancar do pragmatismo da vida comum”, complementa.

Contemplação e resistência – Além de um espaço de exposição de objetos, Francisco Dalcol vê o museu como um lugar de saberes e experiências e de mostrar relações entre diferentes campos da produção artística – bem como um espaço de resistência. “Sobretudo no Brasil, onde parece

que trabalhar com a cultura e com a arte é algo desfavorável, na contracorrente”, destaca. Professor convidado da UFRGS e diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), ele considera que a arte, hoje, é uma experiência crítica e entende a curadoria como lugar de crítica de arte, porque é um trabalho que demanda reflexão.

Francisco salienta que o sistema de ensino no Brasil não oferece condições para uma formação em arte a grande parte da população, o que “reverte em uma situação de elitização”. A arte participa da construção de cada pessoa, problematiza questões da sociedade e é uma forma de o indivíduo se relacionar consigo e com o mundo. Em sua origem, a arte faz parte dos processos coletivos. Para ele, os professores, que trabalham com a formação não só de artistas, mas de cidadãos, “têm o compromisso de tentar diminuir essas distâncias”. A Universidade é uma ponte para difundir, entre vários setores da sociedade, a produção cultural. Esta, porém, precisa estar na base da educação e ser acessível por outras instâncias, como escolas e museus.

Arte é uma produção simbólica, uma forma de conhecimento e de experiência. Nas palavras do curador, “a arte é o que a gente quiser que seja”, e quem determina essa definição é a própria sociedade e seus movimentos históricos. Ele cita a definição de Mário Pedrosa de que “a arte é o exercício experimental da liberdade”. Nesse sentido, Francisco explica que tudo o que vai contra a liberdade criativa é censura. Em vários momentos históricos, a arte foi instrumentalizada para intenções contrárias ao seu objetivo. Isso ocorre quando pessoas ou grupos, amparados pelo afastamento das populações do conhecimento artístico, a utilizam para outros fins, e o sentido original da obra é deslocado. De acordo com Dalcol, tais comportamentos revelam como esses grupos se relacionam com o conteúdo que a arte censurada representa.

A falta de compreensão dos sentidos da arte é agravada pelo ritmo lento, o que contraria a lógica atual da sociedade – um contexto de profusão de imagens, textos e telas. A arte convida à contemplação, que, segundo Francisco, “é um ato necessário, porque, quando você faz isso, você não está seguindo os estímulos externos que lhe são dirigidos”. Ela é, portanto, uma afirmação da singularidade de cada indivíduo e da autonomia sobre o tempo e os estímulos recebidos por cada pessoa. Além disso, é essencialmente política: “É uma forma de dizer não e interromper a lógica dos processos de constante produção”.



Atual exposição do MARGS reúne obras de Xico Stockinger

Júlia Provenzi e Emerson Trindade, estudantes do 6.º e do 8.º semestres de Jornalismo da UFRGS



Primeiros habitantes

Santiago Franco
Liderança guarani relata sua experiência na conquista do território onde hoje vivem 17 famílias na região de Barra do Ribeiro

Jacira Cabral da Silveira

“São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições”, diz a Constituição brasileira. Ou seja, constitucionalmente, os povos indígenas são reconhecidos como os primeiros e naturais donos desse território. Entretanto, a efetivação desse direito tem sido fruto de muita luta, embate que tem se intensificado com a nova “política indigenista” adotada pelo atual governo.

Santiago Franco, cacique guarani, está casado há quase 40 anos, teve oito filhos, três homens e cinco mulheres, todos casados. Desde 2014, ele e sua família, que compreende também 12 netos e quatro bisnetos, vivem na aldeia Yvy Poty, na região de Barra do Ribeiro, a 60 km de Porto Alegre, pela BR 116. Flor da terra, a tradução do nome da aldeia, vem de forma imediata quando Santiago fala da área que conquistaram depois de muito embate e sofrimento. À época, por acamparem próximo à rodovia, foram muitos os atropelamentos fatais que vitimaram os integrantes de sua comunidade. Atualmente, vivem na aldeia 17 famílias que somam 59 indivíduos, entre adultos e crianças.

Santiago, podes contar um pouco sobre a luta de tua comunidade pelo direito à terra?

Faz 20 anos comecei a trabalhar, a lutar pelo direito indígena. Na verdade eu sou (do) Conselho de Articulação que faz parte da luta pela terra, principalmente pela demarcação. Essa terra veio como uma compensação da duplicação da BR-116. Houve essa compra de terra porque aqui na região tinha muito acampamento guarani – Passo Grande, Peti. Nós morávamos na Coxilha da Cruz, acampados. A aldeia fica numa área de 100 hectares, tem bastante mata, e



FLAVIO DUFRAY/JU

tem bastante recurso natural. Essa já é uma comunidade guarani.

Nesse tempo que estás na liderança, quais as principais lutas?

Mais demarcação da terra e também educação e saúde. Pra povo indígena, conseguir uma terra já é um avanço, é uma tranquilidade, mais segurança na comunidade, porque houve muito atropelamento naquele tempo de acampados. Não se tinha condição de trabalhar pra manter nossa cultura, a língua, a tradição. Depois que a gente conseguiu (a terra), já deu muita melhorada, porque a gente já tem um espaço pra plantar milho, melancia, ter uma casa tradicional, continuar praticando a nossa religião, nossa língua e o respeito que a gente tem pela natureza.

Como está o movimento no estado?

Nós temos uma organização, uma comissão de luta pela terra que tem abrangência em todo o Brasil e cada região, cada estado tem seu representante. E eu estou acompanhando isso – saúde, educação e demarcação de terra, que é a principal luta hoje, porque a área que a gente tem é muito pouca, muito pequena, então tem muitas famílias que continuam tendo falta da terra. Cultura guarani significa também espalhar, não ficar só num lugar. Cada um tem que ter o seu grupo, e cada um tem que conseguir uma área.

Tens alguma atividade por esses dias como liderança?

Eu tenho uma que vai complicar para nós, que é a mina Guaíba, que vai afetar a comunidade guarani aqui na região de forma direta e

indireta. Estou acompanhando essa luta pra não sair essa mina. Vai afetar pelo ar, pelo rio, pela poluição de tudo. Vai afetar a nossa vida porque o vento vem trazendo a poluição pra nossa região, e aí vai causar muita doença.

Tu dirias que a causa indígena não é só uma questão de terra, é também uma luta pelo meio ambiente?

Com certeza, porque o indígena vive principalmente com a natureza, ele não vive separado dela, então é muito importante que o ambiente seja limpo. É muito importante pra todo ser humano, não só pra índio. Seja branco, pra todo mundo, é importante que tenha esse ambiente melhor.

Como é o convívio de vocês com os vizinhos não indígenas?

É difícil, porque cada vez mais está se aproximando, porque o branco cresce muito rápido. E também vem se aproximando a cidade, mas mesmo assim a gente continua mantendo a nossa religião, a nossa língua. A gente não vai perder. Mas vai vir muita pressão, o crescimento da população, e tem que saber lidar com outra cultura. A gente convive com isso.

Qual foi o principal enfrentamento do qual participaste?

Eu tive uma luta muito forte aqui pra conseguir essa terra: muita reunião, muita conversa. Tive que ir a Brasília pra comprometer o governo pra que se conseguisse uma área. Foi uma luta muito forte, com muito cacique, não só liderança, mas também cacique espiritual. Isso foi em 2000, 2001, 2002. Eu ia em Brasília, reclama-

va da duplicação e que não foi conversado com a comunidade. Então a gente pressionava porque o DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes) já mandava o pessoal pra dizer que tínhamos que sair. A gente estava muito preocupado com isso, nos mobilizamos e fomos até Brasília pra reclamar. Com muita luta, sofrimento. A gente não tem condição de pagar passagem. O único que dava apoio pra nós era o Cimi (Conselho Indigenista Missionário).

“Eu tive uma luta muito forte aqui pra conseguir essa terra: muita reunião, muita conversa.”

Disseste que, além das lideranças que fazem as negociações, têm também os caciques espirituais. Qual o trabalho do cacique espiritual?

Na verdade, eles fazem um ritual que acompanha essa luta pra que a gente consiga os resultados com muita paz, com muita conversa, não com violência. É uma palavra muito bonita pra que tenha consciência dos dois lados, do guarani e do jurua (os não indígenas). É muito importante isso. Também trabalha pela saúde pra que toda

criança tenha saúde, alegria, felicidade. Por isso que a religião espiritual acompanha essa luta. Também acompanha na viagem, mas ele fica na comunidade, faz ritual.

E as lideranças femininas? Hoje existem duas caciques mulheres no estado, não é?

Tem uma guarani e uma charrua. É muito importante isso porque hoje também a mulher acompanha na luta. Na verdade, a mulher e o homem são iguais na luta, é o mesmo sentimento que a gente tem. É muito importante ter cacique mulher.

A mulher é diferente na busca dos direitos indígenas?

Não, mas a fala é muito mais forte que a do homem, porque tem mais coragem, porque é ela que entende a vida, não é? Nós, os guarani, acreditamos muito na nossa mãe, principalmente na nossa avó.

Além da questão da terra, como estão as outras reivindicações?

Essa luta de saúde e educação tá mais complicada hoje. O Estado não reconhece como atendimento diferenciado, cada vez mais se afasta disso. Saúde, por exemplo: hoje não tem médico, faz três meses que foi demitido e não foi contratado mais (o atendimento é oferecido no posto de saúde na cidade). E na educação também é complicado porque o Estado não reconhece como área demarcada e aí não quer fazer um prédio pra escola. A gente vai ao ministério público e leva o problema, reclama, só que muitas vezes dizem que não tem recurso, não tem como fazer. É complicado.

Meu Lugar na UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU



Morada das plantas

Fernanda da Costa

A agitação da Avenida João Pessoa parece amenizada quando estamos nos jardins do Direito e da Economia, no Câmpus Centro da UFRGS. A sombra das árvores, o cheiro da terra e os desenhos formados por plantas e pedras fazem com que o cenário sirva de fuga dos carros e passos apressados que ficam do outro lado do portão. Tudo ali é pensando e cuidado com carinho pelas jardineiras Fátima Ávila Cardoso e Rosane de Lima Rodrigues, que trabalham para uma empresa terceirizada.

Há nove anos, elas usam o espaço como uma tela para construir obras vivas e em constante mudança. Um trabalho que vai muito além da estética, pois elas amam as plantas e estão sempre preocupadas com a saúde delas. “Algumas são do sol, outras são da sombra. Então, quando as que a gente não conhece começam a murchar, mudamos de lugar pra ver se pegam bem. Procuramos colocar onde elas vão ganhar vida”, conta Fátima.

O cuidado com as plantas é reconhecido pela comunidade acadêmica que procura as jardineiras pela sua capacidade de reanimarem exemplares à beira da morte. Com frequência, os jardins são usados como UTI do verde por pessoas que tinham plantas desmaiadas dentro das salas. O tratamento tem sucesso na maioria das vezes, mas as jardineiras também relatam perdas. Flores coloridas, como o amor-perfeito, raramente conseguem sobreviver nos jardins. “Já ganhamos várias mudas, mas não adianta. As formigas atacam com tudo”, lamenta Rosane.

A solução das jardineiras foi apostar na composição majoritária de folhagens e pedras para deixar os jardins bonitos. Em um deles, desenharam uma espécie de “onda” com plantas verdes abaixo do nome “Direito”, escrito com pedras pintadas de branco por um ex-

jardineiro. Agora, o plano delas é escrever “Economia” no jardim do lado. Para isso, calcularam a necessidade de 120 pedras, das quais já têm 50. “Tem muito aluno que vem aqui no jardim do Direito tirar fotos para a formatura. Quando escrevermos Economia, acho que vão vir tirar fotos ali também”, prevê Rosane.

As jardineiras ressaltam que tanto as pedras como as tintas são catadas no lixo, o que reduz a quantidade de resíduos e torna os jardins sustentáveis. “A gente pega das caçambas mesmo; tem muita pedra e resto de tinta”, conta Fátima. Com elas, além das letras, desenham círculos e estrelas, onde plantam folhagens, árvores e flores.

O adubo usado nos jardins também é sustentável, pois vem da composteira que elas mantêm ao lado dos espaços, onde colocam galhos, folhas e restos de frutas. “Quando apodrecem, viram uma terra preta que a gente coloca nas plantas”, completa Fátima.

O pior momento do trabalho é quando a UFRGS precisa realizar alguma obra no encanamento que passa embaixo dos jardins, o que destrói parte dos desenhos. Já a melhor parte do ofício é receber elogios. “Quase todo dia alguém diz pra gente que tá bonito, nos dá parabéns. É muito bom ouvir isso. Para ficar melhor, acho que poderia haver uns banquinhos aqui para as pessoas sentarem”, sugere Fátima.

Outra realização é quando elas ganham plantas para os jardins. “Tinha uma servidora que sempre nos dava mudas, mas acho que ela se aposentou. A gente também traz algumas de casa”, comenta Rosane.

Recentemente, um episódio intrigou as jardineiras. Uma cabeça de gato preta e branca feita de cerâmica apareceu no jardim do Direito. “Um dia, quando a gente chegou, já estava aqui”, conta Rosane rindo. Sem saber quem colocou o mimo ali, resolveram deixá-lo. Agora elas têm mais uma companhia para cuidar dos jardins.

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Palco é lugar de mulher

Júlia Pianta Primeira baterista a fazer música popular na UFRGS realça a importância da visibilidade feminina

Na primeira vez em que subiu ao palco, Júlia Pianta estava na barriga da mãe, que se apresentou grávida em um show como baterista. Em sua casa, aliás, tudo respira música: além da mãe, o pai é guitarrista e baixista, assim como a irmã, que entrou na primeira turma de música popular da UFRGS, em 2012. Ainda criança, quando nem alcançava o pedal do bumbo, Júlia já se apresentava em shows da escola de música dos pais. “Não sei como exatamente me colocavam pra fazer show, mas isso aconteceu”, conta. Apesar de sempre ter tocado bateria, foi nos últimos anos que abraçou a música como profissão.

Nesse processo, suas referências mudaram. Hoje, a baterista reconhece a escolha do que escuta como um ato político, e seu repertório é muito pautado pela música latino-americana e, de preferência, produzida por mulheres – Elza Soares, Perotá Chingó e Letrux são algumas das influências. Não é o gênero musical, mas o da musicista, que importa. Além de tocar com outras bandas, Júlia é integrante da Enxame, formada exclusivamente por mulheres, e dá aulas de bateria na Batucas, orquestra feminina de bateria e percussão.

Júlia considera que fazer música é um ato indissociavelmente

político. Apesar de, para ela, sempre ter parecido um caminho natural, a estudante conta que não é fácil ser mulher na música: “É muita cobrança. Não diretamente das pessoas, mas uma coisa meio institucional, da sociedade mesmo, de tu sempre ter que fazer muito melhor. Eu queria que ‘ser mulher’ não fosse um fator determinante”. Apesar de as mulheres estarem conquistando mais visibilidade, subir ao palco, seja como a única mulher em uma banda, seja com um grupo exclusivamente feminino, impacta o público que, em geral, ainda não está acostumado a ver mulheres ocupando esses espaços. Júlia luta para que o gênero não seja determinante para a música que faz. O palco, para ela, é um lugar de troca e fortalecimento com mulheres e de referência e incentivo a outras. “Há um peso nas costas um pouco maior. A gente subir com a Enxame no palco é uma pressão, porque tu te sente carregando todas as mulheres que não estão ali.”

Segundo a artista, um dos motivos de não haver muitas mulheres empunhando baquetas é que a bateria carrega o estereótipo da força física, característica que ainda é associada à masculinidade. Para Júlia, no entanto, a bateria representa outro tipo de força – além de arte e cultura, é resistência. É uma forma de dar o exemplo e ensinar outras mulheres, bem como uma oportunidade de construir uma rede de apoio. Muito mais que um amor e uma profissão, música representa sororidade e empoderamento.

Júlia Pianta é a primeira baterista mulher a passar pelo curso de música popular da UFRGS – e, até o momento, também a única. Ela lamenta o título: “Não é um fardo muito legal de carregar. Queria que tivessem várias antes e queria que estivessem comigo en-

quanto eu tô ali [no curso], porque é provável que eu saia e não tenha convívio com nenhuma mulher baterista dentro da faculdade”. Apesar da falta de contato com outras mulheres que toquem o mesmo instrumento, ela espera que a sua formação inspire outras a fazerem o curso e cultivarem também o espírito de resistência. E esse é um movimento que ela já percebe entre as colegas, que estão se arriscando mais com outros instrumentos ou mostrando seus talentos sem tanta autocobrança. Para ela, ao contrário dos homens, as mulheres costumam carregar a crença de que não são boas o suficiente – pensamento que é preciso desconstruir. “A gente carrega um pouco isso de ter que fazer sempre bem.”

Apesar de a vida inteira de Júlia ter sido uma formação musical, a graduação foi uma abertura de portas. Sair do núcleo familiar permitiu que ela tivesse outras perspectivas. A UFRGS não representa só uma oportunidade de ter um diploma acadêmico, mas um lugar para conhecer pessoas e escutar coisas novas. Na faculdade, estudou e tocou músicas e estilos com os quais dificilmente teria contato fora dali. Afinal, segundo ela, os artistas também se formam pelo convívio com pessoas e influências diferentes. Como o curso é novo e está em constante construção, também apresenta suas limitações. Nenhum dos professores toca bateria, por exemplo, o que prejudica alunos com instrumentos específicos. Entretanto, é um espaço para a união de pessoas, estilos e instrumentos diferentes. É uma forma de sair da zona de conforto e aprender muito. “É uma mistura muito boa”, diverte-se.

Júlia Provenzi,
estudante do 6.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



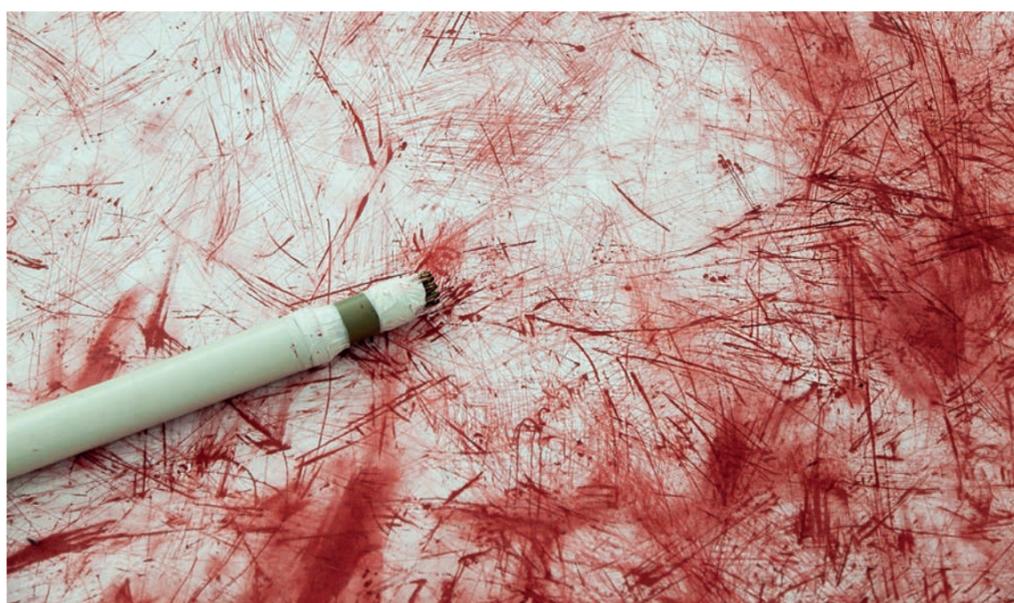
FLÁVIO DUTRA/JU



Orquestra do gesto

FOTOS JAMES ZORTÉA

Teresa Poester é a homenageada da nova edição do projeto *Percurso de artista*, promovido pelo DDC/UFRGS. Aposentada das atividades como professora do Instituto de Artes, a artista voltou a Porto Alegre especialmente para montar a exposição *até que meus dedos sangrem*, com curadoria de Eduardo Veras. A mostra, aberta no mês passado, na Sala Fahrion, no prédio da Reitoria, reúne apenas trabalhos recentes e inéditos, em diferentes linguagens. O conjunto inclui um grande desenho coletivo, realizado com a participação de mais de 20 artistas. Confira, aqui, imagens e depoimentos.



Teresa Poester

Junto ao trabalho solitário de ateliê, sempre trabalhei em grupo. O convívio me renova. A performance até que meus dedos sangrem é consequência de uma ação anterior, que realizei com artistas de várias procedências durante a exposição Collection Bic, no Centquatre, em Paris, no ano passado. Aqui, não por acaso, no dia 7 de setembro, comemorei a Independência do Brasil com uma equipe de artistas, alunos e ex-alunos da UFRGS, para, vestidos de preto, desenharmos com caneta BIC vermelha sobre um linóleo fosco de 26 metros quadrados que será exposto no pergolado da Sala Fahrion. O desenho deverá modificar-se pela ação do sol durante o período da exposição.

Maria Paula Recena

Foi uma experiência muito boa participar dessa performance da Teresa. Tivemos de confiar no que ela estava fazendo e nos deixar levar como instrumentos. Ao longo do tempo em que estivemos desenhando, Teresa propôs pausas para olharmos o trabalho, e essas pausas se tornavam verdadeiros exercícios de composição – e intuição. Houve muita sinergia entre os artistas que dividiram o prazer de desenhar por cinco, seis horas seguidas, assim como a experiência de sair com o corpo doído, mãos e pés pintados de vermelho, mas felizes. Só quem ama a arte e conhece a Teresa e o trabalho dela para se deixar levar de verdade. Muito bonito!

* Artista visual, professora do PPG em Arquitetura da UFRGS

Alexandre Copês

Conheço poucas pessoas com tamanha força criativa como a Teresa, e essa energia deságua na forma apaixonada pela qual conduz seu trabalho. Produzir e refletir coletivamente é algo que sempre compartilhamos. Hoje, este encontro reforça a potência de seu amor pelo desenho, sua obstinada busca pela reinvenção. O trabalho de Teresa parece ser um pedido de atenção, nos lembrando de que juntos podemos ser mais fortes, mais presentes como indivíduos, como classe trabalhadora, artistas, pesquisadores.

* Artista visual, mestrando em Artes Visuais pela UFRGS